

Andavam pela rua avô e neto,
apoiados em mútua confiança,
dividindo entre si, o mesmo afeto.
Eram dois velhos, ou duas crianças.

Esbraseia o Ocidente na agonia
o sol... Aves, em bandos destacados,
por céus de ouro e de púrpura raiados,
fogem... Fecha-se a pálpebra do dia...

Foi da semente que brotou viçoso,
meu cajueiro amigo do cerrado;
no chão fecundo seu feliz repouso,
na imensidão do campo desbravado.

Neto querido, com avô dileto,
um dando ao outro inteira segurança
através de palavras simples mansas
vindas, ora do avô, ora do neto.

Delineiam-se, além, da serrania
os vértices de chama aureolados.
Em tudo, em torno, esbatem derramados,
uns tons suaves de melancolia...

Foi na floresta que cresceu frondoso,
sob a magia do céu azulado;
lá, onde corre manso o Rio Formoso,
fonte da vida como no passado.

Fiquei admirado, olhando a esmo.
Depois, me perguntei a mim mesmo:
– Qual é o velho, qual é a criança?

Um mundo de vapores no ar flutua...
Como uma informe nédoa, avulta e cresce
a sombra, à proporção que a luz recua...

Essa distância que afastou nós dois,
parece até que me feriu depois,
da nostalgia que meu peito invade.

Quando eu olhei para eles novamente,
já iam de mãos dadas bem distantes.
Era o adeus apoiado na esperança.

A natureza apática esmaece...
Pouco a pouco, entre as árvores, a lua
surge trêmula, trêmula... Anoitece.

Vejo o orvalho das folhas deslizando,
a se espalhar no chão de vez em quando
como se fossem gotas de saudade.

João Henrique da Silva, Extremos;
em 2ª Antologia Poética Vargas Netto, 1998

Raimundo da *Mata Azevedo* Correia (1860-1911), Anoitecer
Uma pena esse moço não ter feito haicus...

Josué Anacleto Vieira, Meu Cajueiro; em
Fanal 0008

Sinto, meu amor, agora,
que o tempo é maroto e astuto,
longe de ti – hora é hora
perto de ti – é minuto.
Tobias Pinheiro, em Milênio 0006

Abriendo o leque da vela
vai pelo mar a jangada,
como se fosse a mais bela
das aves da madrugada!
Geraldo Lyra, em Trovaregre 0008

Pega o que a vida te der
e procura ser feliz;
erra quem só muito quer
e o seu quinhão não bendiz.
Sylvia Reys, em Fanal 0005

O trabalho, há quem garanta,
é um excelente remédio;
três grandes males espanta:
a preguiça, o vício e o tédio.
Ziver Ritta, em Fanal 0008

O Boto no igarapé,
ao ver as cunhãs no banho,
se põe de *zoreia* em pé
e uns *zoio* deste tamanho...
Durval Mendonça, em
BI UBT SP 0008

Na infância, minha cidade,
era um mundo especial,
e toda a felicidade,
cabia no meu quintal!...
Domitilla Borges Beltrame, em
Fanal 0005

POETAS JAPONESES DE HAICU DESTACADOS EM VERBETES
Kodansha, Encyclopedia of Japan, 1983

1473 - 1549 Arakida Moritake
1465? - 1553? Yamazaki Sôkan
1571 - 1653 Matsunaga Teitoku
1587 - 1669 Ishida Mitoku
1595 - 1669 Nonoguchi Ryûho
1610 - 1673 Yasuhara Teishitsu; ou
Yasuhara Masaakira
1607 - 1678 Nakarai Bokuyô
1602 - 1680 Matsue Shigeyori
1644 - 1694 Bashô; ou
Matsuo Bashô,
Matsuo Munefusa, ou
Kinsaku
1651 - 1704 Mukai Kyorai; ou
Mukai Kanetoki
1662 - 1704 Naitô Jôsô
1624 - 1705 Kitamura Kigin
1654 - 1707 Hattori Ransetsu
1656 - ? Ochi Etsujin

1661 - 1707 Takarai Kikaku; ou
Enomoto Kikaku
1649 - 1710 Kawai Sora
1639 - 1711 Okanishi Ichû
1663 - 1711 Hôjô Dansui
? - 1714 Nozawa Bonchô
1656 - 1715 Morikawa Kyoroku
Morikawa Kyoriku
1634 - 1716 Konishi Raizan
1642 - 1716 Yamaguchi Sodô; ou
Yamaguchi Nobuaki
1650 - 1722 Ikenishi Gonsui
1657 - 1730 Hattori Tohô; ou
Hattori Dohô, ou
Hattori Yasuhide
1665 - 1731 Kagami Shikô
1647 - 1732 Sugiyama Sampû
1661 - 1738 Uejima Onitsura; ou
Uejima Munechika

1709 - 1771 Tan Taigî
1719 - 1774 Takebe Ayatari
1703 - 1775 Kaga no Chiyo; ou
Chiyo Ni
(Irmã Chiyo)
1729 - 1780 Miura Chora
1702 - 1783 Yokoi Yayû; ou
Yokoi Tokitsura
1716 - 1784 Buson; ou
Yosa Buson, ou
Taniguchi Buson
1718 - 1787 Ôshima Ryôta
1741 - 1789 Takai Kitô
1738 - 1791 Kaya Shirao
1732 - 1792 Katô Kyôtai
1752 - 1811 Matsumura Goshun
1739 - 1820 Kitao Shigemasa; ou
Karan (pintura)

1763 - 1827 Issa; ou Kobayashi Issa
1867 - 1902 Masaoka Shiki; ou
Tsunenori
1881 - 1920 Ôsuga Ottsuji; ou
Osuga Isao
1885 - 1926 Ozaki Hôsai
1865 - 1930 Murakami Kijô; ou
Murakami Shotaro
1873 - 1937 Kawahigashi Hekigotô
1882 - 1940 Taneda Santôka
1900 - 1941 Kawabata Bôsha; ou
Kawabata Nobukazu
1874 - 1959 Takahama Kyoshi; ou
Takahama Kiyoshi
1885 - 1962 Iida Dakotsu; ou
Iida Takeharo, ou Sanro
1889 - 1963 Kubota Mantarô
1913 - 1969 Ishida Hakyô; ou
Ishida Tetsuo

1884 - 1976 Ogiwara Seisensui; ou
Ogiwara Tôkichi
1893 - 1976 Takano Sujû; ou
Takano Yoshimi
1898 - 1979 Satô Nempuku; ou
Satô Kenjirô
1892 - 1981 Mizuhara Shûôshi; ou
Mizuhara Yutaka
1894 -
Takii Kôsaku; ou
Sessai (haicu pena)
1899 -
Awano Seiho
1901 -
Nakamura Kusatao; ou
Nakamura Seiichirô
1901 -
Yamaguchi Seishi; ou
Yamaguchi Chikahico
1905 -
Katô Shûson



Monte Kehi. A lua
caiu, e o sereno adensa
pelos contrafortes.

Olho para trás,
mas o homem que passei
já sumiu na névoa .

...E esta fogueira
eu a deixo para o cão
que guarda esta noite.

Um trovão estronda –
e os trovoezinhos ecoam
na selva em redor.

Amores-perfeitos.
Colorida jardineira
na velha janela.

Grave poluição!
Metrópole gigantesca
– necrópole enorme.

Buson

Shiki

Keiseki Kimura (1867-1938) SF 9806

Nempuku Sato SF 9802

Fanny Luiza Dupré (1911-1996)

H. Masuda, Goga

Noite. O cafézal
desata as flores de prata
ao luar de cal...

Sentávamos
à beira
lavadeiras
pés
em águas doces

Quando a juventude passa,
não vejo por que sofrer,
qualquer idade tem graça,
se a gente souber viver!

Na noite serena
banhada a luz do luar,
cheira a flor de manga.

Manoel Fernandes Menendez
Um pingo bom, verdadeiro,
nove atributos requer,
de três em três, de entrevero,
do galo, pai do terreiro,
do cabrito e da mulher...

Prostrado na viagem,
busco e faço transbordar
sonhos que me amparam.

Peso do outono:
procurar os
frutos.

escuras
pedras
ao redor
vozes
poemas
e o súbito

Chapéu panamá
abanando a primavera.
Papai sobe a rua.

Meu rio...
Te vejo negro na TV colorida
e na imensidão de tuas águas
afogo a mágoa
de uma profunda saudade.

A pose não é bobagem
pra ter um flete perfeito...
é do galo essa vantagem,
que ainda soma a coragem
mais o volteio do peito...

Cantei na aurora da vida.
Depois sofri, quis morrer!
Volto agora, enternecida,
cantando ao entardecer.

Quis
ressuscitar
o morto

silêncio das cigarras.

“Borboleta!” – diz a flor
desfolhada, presa à haste.
“Devolve-me, por favor,
as pétalas que roubaste.”

Onde andas meu rio?
Onde anda
onde ficou minha cidade
de quem tua doçura
beija os pés?

Ter equilíbrio bonito
sem escolher os caminhos...
tal como faz o cabrito,
saltando ao primeiro grito,
sem afrouxar os machinhos...

As borboletas, são elas,
de asas leves, multicores,
pequenas caravelas
das quais, os portos, são flores.

ele não me ouviu
como Lázaro a
Cristo

Pés em águas
doces
sentávamos
lendo ouvindo
poemas vozes
decorando extratos
bancários

Era tão bom quando
vocês brincavam sobre o tapete
de heróis
de super-heróis
enchia a casa de vozes
esconderijos
era tão bom
Batman
Falcon
Zorro
os amigos
quando vocês
só ouviam histórias
dos Sete Anões, do Pinóquio
e o sono chegava com a noite
era tão bom quando o mundo
não alcançava vocês
com garras socos relâmpagos.

O tempo passou
numa velocidade...
e eu continuo em ti
poema negro
poema antigo na modernidade
velando o sacro sono dos
barés.

E a lista ainda não se estanca
completando a galhardia...
fáceiro qual moça branca,
ter dela a curva da anca
mais a pisada macia...

Sou *filho das matas*, *cantô* da mão grossa,
trabão na roça, de inverno e de estio.
A minha *chupana* é tapada de barro
só fumo cigarro de *paia de mio*.

preferiu a morte
e a minha inutilidade.

lavadeiras
lavando feridas
à beira
crianças
drogadas perdoavam
o nosso desvario.

João Batista Serra

Quando vai chegando os 70
e a saúde não cobra nada
e o belo da vida se assenta
e se percebe e se sustenta,
vemos de forma detalhada
na amplitude do nosso ser
como temos dó de morrer.

Já com cabelos grisalhos,
mas inda pensando em ti,
vejo a saudade em retalhos
nas cartas que recebi.

Sou poeta das *brenha*, não faço o *papê*
de *argum menestrê*, ou errante *cantô*
que *veve* vagando, com sua viola,
cantando, pachola, à *percura* de *amô*.

como todos vou embora
estou indo
graças a Deus não acredito.

Manhã preguiçosa,
floração perfuma o ar.
Primavera à porta.

Eunice Arruda, Adolescentes; de
Risco, 1998

Quando vai chegando os 70
e a saúde não cobra nada
e o belo da vida se assenta
e se percebe e se sustenta,
vemos de forma detalhada
na amplitude do nosso ser
como temos dó de morrer.

O Os gatos aos mios
rasgam silêncios... se agar-
ram
em noite de cio.

Não tenho *sabença*, pois nunca estudei,
apenas eu sei o meu nome *assiná*.
Meu pai, coitadinho! Vivía sem cobre,
e o *fio* do pobre não pode *estudá*.

palavras em alguma
memória

Sérgio Serra

Patativa do Assaré, O Poeta da Roça; em
Viver, Aprender Educação de Jovens e
Adultos 1, Módulos 3 e 4, 1998

Cidoça da Silva Velho,
de Cantigas do Entardecer.

O verso *rastero*, singelo e sem graça
não entra na praça, no rico salão,
meu verso só entra no campo da roça e *dois eito*
e às vez, recordando feliz mocidade,
canto uma *sodade* que mora em meu peito.

QUIDAIAS DE PRIMAVERA

Na flor de goiabeira, o beija-flor enciumado, beija com doçura...	Dentro do pomar o canto do sabiá Juntos: fauna e flora!	Um peixe no céu do menino pescador: a pipa voou.
Ailson Cardoso de Oliveira	Divinei Boselli	João Elias dos Santos
Vento muito forte As flores da goiabeira rolam pelo chão	No galho, presas, as pipas Garotos disputam!	Potro não aceita afagos do domador. Retribui com coices.
Albertina C. G. dos Santos	Edel Costa	José N. Reis
No silêncio triste mil gritos cortantes se ouvem. São as arapongas	Ao brilhar do sol trinado do coriú embeleza a mata.	Agradecimentos em edital no escritório. Dia da Secretária.
Alda Corrêa M. Moreira	Fernando Ribeiro da Cruz	José Roberto de Oliveira
Brejeiro e elegante, com seu passo cadenciado, galopa o potrilho...	Flores sobre a mesa, é Dia da Secretária. Telefone ao gancho.	Flor desabrochando à chuva de primavera, cai. Enchente a leva...
Amália Marie G. Bornheim	Fernando Vasconcelos	Leonilda H. Justus
Copos e garrafas É Dia da Juventude, rapazes festejam.	Desperta no bosque sabiá em melodia entoando seu canto.	Dia da Juventude. Os meus pensamentos voltam aos anos sem volta...
Analice Feitosa de Lima	Francieli Silva	Luís Koshihiro Tokutake
Na poça de chuva azulão toma seu banho... peninhas brilhantes	Saltam pererecas nos ladrilhos do banheiro... Noite de chuva.	Um telefonema no Dia da Secretária... Esposa ciumenta.
Anita Thomaz Folmann	Guim Ga	Marcelino R. de Pontes
Araponga grita torre vazia espera novo carrilhão.	Gatos em amor. Barulheira no telhado. Os cachorros latem.	Debaixo da folha, no seu coaxar, tão sozinha, chama o companheiro.
Carlos Roque B. de Jesus	Haroldo R. Castro	Maria da Costa Lage
Dia da Secretária Neste dia pelo menos, o chefe sorri...	Na laranjeira, um sabiá tristonho pedindo chuva.	Bote preparado – corpo, orelhas, olhos imóveis... gatinho brincando!
Cícero Campos	Helvécio Durs	Maria de Jesus B. de Mello
Ouve-se a cantiga do azulão batendo as asas no meio da mata.	A folhinha acusa o Dia da Juventude. – Esperança em alta!	Atmosfera limpa... Não há queimadas na selva! – Dia da Amazônia!
Derecy de Freitas	Humberto Del Maestro	Maria Madalena Ferreira
Fantasma da infância o bicho-papão do telhado gatos namorando.	Flor de goiabeira branca, pequena, singela. Grinalda tão bela!	Olhar guloso no quintal do vizinho. Rubras amoras.
Devani José da Silva	Joana de Toledo Machado	Nadyr Leme Ganzert



SELEÇÕES MENSAIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Remeter até 30.09.00, quigos à escolha:
Alercím, Batata doce, Quermesse.

Remeter até 30.10.00, quigos à escolha:
Brisa, Broto de Roseira, Semana da Pátria.

Fazer um haicu é como tirar uma foto ou filmar. Vemos o quigo – palavra da sação – (focalizamos), sentimos o satori ou “consciência de si”, com a mente vazia, isto é, sem preconceitos (fotografamos ou filmamos) e escrevemos esse registro limpo de uma sensação ou percepção (revelamos), compoendo assim um haicu por conter o quidai, ou seja, um tema da estação, por ser *seu assunto principal* o quigo. O haicu deve ser narrado no instante da ocorrência e à vista do quigo, com 5-7-5 sílabas poéticas (sons) com um corte (ou brecha) após o 1º ou 2º verso, mas de forma tal que o leitor não se “perca” no relacionamento de ambas as partes, nem estas estejam por demais relacionadas. O haicu conterá ainda sutis sugestões que o leitor perceberá por si mesmo, sem a aparente explicação do autor.

Enviar para:

Manoel Fernandes Menendez
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
01150-011 – São Paulo, SP

1. Preencher até três haicus, (veja quigos acima, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à natureza.
2. Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.
3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuista enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá, respectivamente, o nome do haicuista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaxio do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Escusado dizer-se que na seleção não se escolherá haicus de própria lavra, pois tais votos serão anulados bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.
4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

O que diz respeito ao pinheiro, aprenda do pinheiro; o que diz respeito ao bambu, aprenda do bambu. As obras produzidas pelo espírito são boas, mas as produzidas apenas com artifícios de palavras não são dignas de respeito. Bashô, em Natureza – Berço do Haikai, G.

CLASSIFICANDO OS TERCELOS INDEPENDENTES

Podemos chamar de trevo todos os <i>tercelos independentes</i> : ⇔ ⇔ ⇔ ⇔ ⇔ ⇔ ⇔ ⇔ ⇔ ⇔ O trevo guilhermiano rima versos de 5 sílabas e, o do meio, de 7 sílabas, a 2ª com a 7ª.	Manoel Fernandes Menendez	Trevo senriu ou trevo ocidental:	Trevo senriu ou trevo personagem:	Trevo haicu de sação vaga ou trevo haicu sem sação:	Trevo haicu: Quigos vivenciais: <i>moda vernal</i> e <i>Sete de Setembro</i> . Tema da <i>sação</i> primavera.
O trevo senriu à ocidental é conceitual, filosófico... – é um trevo à moda ocidental.		A moda vernal deixa a juventude ansiosa para desfilar... João Batista Serra	Umbigo à mostra, balzaquiana faceira: calor urbano. Sergio de Jesus Luizato SF 9809	Inteirinha flores, a bela na passarela é moda vernal. Leonilda H. Justus SF 9811	Vestidos floridos na vitrina iluminada. A moda vernal. Maria Reginato Labruciano SF 9709
Os trevos <i>senriu</i> , <i>haicu de sação vaga</i> e, simplesmente, <i>haicu</i> (único a conter quigo), são sempre “ aqui e agora ” – não conceitual, sendo:		Sete de Setembro: – Independência ou Morte! Viva a liberdade! Marcelino Rodrigues de Pontes	Injustiça feriado no domingo sete de setembro. Carlos Roque Barbosa de Jesus	Desfile olímpico. No feriado nacional, militares marcham. Manoel F. Menendez	Meninos da escola na parada desfilando. Sete de Setembro. Cecy Tupinambá Ullhoa
trevo senriu ou personagem (<i>não filosófico</i>), trevo haicu de sação indeterminada (<i>aborda a natureza sem situar a estação</i>); trevo haicu, poesia pura – (<i>o quigo, situa a estação em que o poeta está</i>).		O trevo haicu é, provavelmente, a mais antiga poesia moderna do mundo e o simbolizamos pelo jipê.			

Haikai – Poesia encadeada em que dois ou mais poetas se alternam em suas estrofes 5-7-5 7-7 5-7-5 7-7 e assim por diante.

Hokku – Estrofe inicial. Nesta, o poeta estabelece – no haikai, – o matiz para o resto a encadear: *situa a estação do ano que atravessam*, em narrativa sempre abordando o momento. Até 1892 chamavam também de haikai o hokku e o trevo haiku.

Haiku* – Trevo cuja origem e princípios são do hokku. Seu nome deriva de *haikai* e *hokku*, batizado por Shiki, para distingui-lo das estrofes iniciais do haikai selecionadas e publicadas.

Zappai – Termo genérico de formas de poesia cômica desenvolvidas a partir do haikai e dirigidas ao gosto popular, quando o haikai tomou caráter sério no fim do século XVII.

Maekezuke – Tipo de zappai, segue o princípio do verso encadeado na forma do tanka, no qual o poeta junta um remate (tsukeku) de 5-7-5 ao verso anteriormente dado (maeku) de 7-7.

Kasazuki – Idem.

Kiriku – Forma de zappai, desenvolvida do hokku.

Oriku – Idem. Ambos porém não seguiram o tema da sação.

Senryu – As porções tsukeku (remate) do maekezuke foram chamadas de kioku para distingui-las do hokku, com o qual dividiam a *estrutura* de 17 sílabas. O estilo de tsukeku que Karai Senryu selecionava e publicava era o *estilo-Senryu kioku*, termo abreviado para senryu e, como o haiku, tornou-se trevo. Expressa os sentimentos e introspeções do povo *no seu dia a dia*.

Tanka – Composto de duas estrofes alternadas do waka (poesia do Japão, japonesa): a unidade superior (kami no ku) em três versos 5-7-5 e a inferior (shino no ku) numa dupla de sete 7-7.

Haiku* – Idealmente sua técnica conterá corte (ruptura entre um verso e os demais) e o tema relativo a estação (kidai), sendo que a palavra da sação (kigo) resultará necessariamente esse tema sazonal (kidai). Portanto, é errôneo pedir-se simplesmente tema para a feitura de um haiku, pois o kidai – tema da sação – é reconhecidamente igual a origem do haiku e sua função continua dominante como interesse central ininterrupto dos poetas contemporâneos.

HAICUS EM FOLHA

O orvalho destiza sobre a pedra escura e fria. Lágrimas da noite.	Apanhando a fruta chuva de gotas de orvalho. Banho inesperado!	Transparente, trêmula, uma gotinha de orvalho, indecisa, cai.
Maria Reginato Labruciano	Yedda Ramos Maia Patrício	Héron Patricio
Na grama orvalhada em passos frios e lentos um gato passeia.	Sob a copa em leque da árvore-do-viajante cochila o andarilho...	Pousada na pétala, irrisada pelo sol, a gota de orvalho.
Alba Christina	Darly O. Barros	Dialda Winter Santos
Pacientes sorriem no Dia da Enfermeira ofertando flores.	Dia da Enfermeira. O céu, em sua homenagem, se veste de branco.	Gostoso presente neste Dia da Enfermeira: uma vida salva.
Yedda Ramos Maia Patrício	Renata Paocola	Renata Paocola
Brilhando na pétala gota de orvalho reflete jardim colorido.	Orvalho caído... Lágrimas de luz, tingindo de prata, o jardim.	Na relva macia a noite esparrama as pérolas, do colar de orvalho.
Yedda Ramos Maia Patrício	Elen de Novais Felix	Maria Reginato Labruciano
Madrugada. Beijo a rosa e o orvalho me molha...	Anjos de branco festejam Dia da Enfermeira!	nos vidros dos automóveis: pérolas de orvalho.
João Batista Serra	Ercy M. M. de Faria	Renata Paocola
Um anjo de branco vara a noite trabalhando, sem lembrar seu dia.	Madrugô na roça. Terra molhada de orvalho... Que cheirinho bom!!!	Calor tropical. A árvore-do-viajante agita seu leque.
Cecy Tupinambá Ullhoa	Olíria Alvarenga	Roberto Resende Vilela
Enfeitando o orvalho a libélula esvoaça banho matinal.	Com leque de folhas, árvore-do-viajante faz festa no ar.	Dia da Enfermeira. Na rotina hospitalar dia igual aos outros.
Alba Christina	Ercy M. M. de Faria	Olga Amorim
Balado de garças saltitantes aventais Dia da Enfermeira	em cada gota de orvalho, no jardim ao sol!	dedicação aos doentes dos anjos de branco...
Héron Patricio	Hermoclydes S. Franco	Dialda Winter Santos
A rosa amanhece banhada em gotas de orvalho... Inverno na serra!...	Os dedos da brisa tocam os seios da rosa. Respingos de orvalho.	Dia da Enfermeira. Vestidas de paz festejam a nobre missão.
Hermoclydes S. Franco	Roberto Resende Vilela	Leda Mendes Jorge
Manhã na varanda, Fumaça branca de orvalho, esconde a paisagem.	Rebrilha um arco-íris, De manhã bem cedo a plantação orvalhada. Que lua chorona!	Dia da Enfermeira Resquícios do orvalho, formigas driblam gotículas depenando um galho.
Cecy Tupinambá Ullhoa	Arlindo Tadeu Hagen	Flash

D Humberto Del Maestro (Caixa Postal 45006, Laranjeiras, CEP 29165-250 – Serra, ES), de Contos Impossíveis...?	U	A	S	I	R	M	Ã	S		
Mirthes e Blenda eram irmãs e, desde a infância, residiam no meu bairro, em rua próxima. Por esse motivo, jamais consegui esquecer-las. Embora irmãs, com o mesmo sangue correndo nas veias, como eram diferentes!	enchou de jovens, naturalmente do sexo masculino, que se voltavam para ela, enquanto a outra nem migalhas restavam. E ela sofria sobremaneira com tal discriminação. Cheguei a reparar esse estado d’alma na expressão lânguida e chorosa de Blenda.	Enquanto Mirthes, a mais velha, era expedita, deslumbrante, decidida e dotada de incontáveis predicados, Blenda era meiga, simples, calma, quase parando. Um gênio angelical e doce.	Mirthes explodia em luz e exuberância (ou seria luxúria?), rosa rubra de vida. Blenda, por sua vez, diria poeticamente tratar-se de uma tarde morna de outono, com delicadas e erradas borboletas; um lírio de fragilidade e ternura. Ambas eram gente e, de acordo com suas características, vivam intensamente.	Descrevi, linhas atrás, que percebi tristeza nos olhos de Blenda. Vou além. É certo que o sentimento começou em tristeza, mas foi evoluindo. Passou depois para a mágoa, daí ao rancor e, finalmente, transformou-se em ódio. A jovem passou a odiar sua própria irmã.	Na verdade, Mirthes não merecia tal sentimento, pois não movia um dedo para ferir a irmã. Mas as coisas não sucedem como a gente quer. Nasceram, fluem... sei lá. Acontecem e pronto. Não se sabe como começaram. O certo é que Blenda chegou a odiar Mirthes.	Um dia, os pais de ambas, por motivos para mim desconhecidos, mudaram-se de bairro. Pouco ou nada fiquei sabendo, daí em diante, sobre as duas moças.	Fui informado apenas que se casaram logo em seguida e, com base em boatos recentes, que ambas hoje estão separadas. Coisas da vida. Por línguas levianas, soube também que Mirthes, quase sessentona, continua esbanjando vida e beleza, em sua mocidade eterna. Blenda, encontrei semana passada, por acaso. A velhice começa a mexer em seus cabelos delicados e no rosto angelical. E, lembrando o	passado, fico a matutar nos caminhos deste santo mundo de Deus.	Mirthes tinha o universo a seus pés. Um futuro grandioso, encantado. Era uma fogueira crepitante de enormes labaredas, que chegavam a assustar. Blenda era fogo brando que poucos notavam. Um anjo de ternura em forma de gente, mas que chegou a odiar a irmã, porque não conseguia ombrear-se com ela na beleza e nas conquistas, sem falar em outras coisas menores.	E, perdida nesse mar de revolta, lágrimas e tristezas (que eu bem compreendia), não reparo sequer nos meus olhos suplicantes de amor, a buscar os seus, diariamente. Não percebeu a força desse olhar, tão semelhante ao ódio que ela nutria pela irmã mais velha, e que acabou por desaparecer de meu coração, pela falta do mínimo incentivo. Coisas da vida, afinal.